

Recebido em 17/01/2019. Aceito em 10/04/2019.

A MÁQUINA DE JOSEPH WALSER, DE GONÇALO M. TAVARES E A MODALIZAÇÃO DO VAZIO

JOSEPH WALSER'S MACHINE, BY GONÇALO M. TAVARES AND THE MODALIZATION OF EMPTINESS

Ibrahim Alisson Yamakawa¹

RESUMO: *A máquina de Joseph Walser*, de Gonçalo M. Tavares, objeto das discussões empreendidas neste artigo, faz um retrato da crise da sociedade tecnocrática, ao por em tela Joseph Walser, um dedicado operário de fábrica que se abdica de si mesmo em favor da máquina para sobreviver à violência decorrente da guerra e da máquina. Em decorrência disso, Joseph Walser passa por um processo de esvaziamento de sentidos acelerado pelo ritmo implacável das máquinas e pela violência da guerra. Logo, a convivência com o vazio torna-se inevitável. É fato, portanto, que para este romance o vazio demonstra ser um eixo de extrema significação. Assim, o presente artigo propõe uma reflexão sobre a modalização do vazio nesse romance, especialmente, aquele caracterizado pela falta e o que se apresenta enquanto possibilidade de sentido. Para auxiliar essa reflexão, recorre-se aos estudos de Santiago Kovadloff (2003), David Le Breton (1991); (2018), entre outros.

Palavras-chave: *A máquina de Joseph Walser*; Gonçalo M. Tavares; vazio.

ABSTRACT: *Joseph Walser's Machine*, by Gonçalo M. Tavares, object of the discussions undertaken in this article, gives a picture of the crisis of technocratic society, as Joseph Walser, a dedicated factory worker who abandons himself in favor of the machine to survive the violence of war and machine. As a result, Joseph Walser undergoes a process of emptying of the senses accelerated by the relentless pace of machines and war. Therefore, coexistence with emptiness becomes inevitable. It is a fact, therefore, that for this novel emptiness proves to be an axis of extreme significance. Thus, the present article proposes a reflection upon the representation of emptiness in this novel, especially that characterized by the lack and by the one that presents itself as a possibility of meaning. To support this reflection, Santiago Kovadloff (2003), David Le Breton (1991); (2018), among others are evoked.

Keywords: *Joseph Walser's Machine*; Gonçalo M. Tavares; emptiness.

1 Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: ibrahimalisson@gmail.com

Permanecem praticamente inexploradas as ocorrências do(s) vazio(s) no campo dos estudos literários. Ainda que a ideia de vazio já tenha sido abordada por filósofos, por psicanalistas, entre outros, faltam aos estudos literários pesquisas que tratem das ocorrências, dos efeitos e das motivações do(s) vazio(s) em textos literários. Pois, não raro, para poetas e romancistas o vazio é objeto de apropriação criativa e de modalização na literatura. O vazio é para a literatura um eixo de extrema importância e significação. Apesar de só se fazer conhecer obliquamente, ou seja, permanecer uma interrogação em torno dele, como se ele fosse parcialmente vedado e encoberto à compreensão e à leitura plena, o vazio, em *A máquina de Joseph Walser*, de Gonçalo M. Tavares comprova ser uma instância decisiva à leitura e à análise para a compreensão do romance.

Dito isso, escrever sobre vazio em *A máquina de Joseph Walser*, de Gonçalo M. Tavares consiste em um desafio teórico-analítico em função dos escassos trabalhos realizados pelos estudos literários em torno desse tema. A isso ainda se acrescenta o fato de que os trabalhos protagonizados, especialmente, pela filosofia e pela psicanálise no intuito de abranger o vazio mostraram-se inesgotáveis e infindáveis. Embora cada área, à sua maneira, tenha empenhado incontáveis esforços tentando abranger o vazio em toda sua complexidade, por intermédio de diferentes perspectivas, esses campos do conhecimento, ao final, acabaram inevitavelmente dispersando a concepção do vazio. Por isso, o estudo do vazio no campo literário prescinde de defini-lo e circunscrevê-lo no texto. Ao contrário, os estudos literários diante do vazio devem elucidar as suas formas de enunciação, os efeitos de sentido e suas causas no texto literário e lidar com o fato de que o estudo do vazio na literatura não significa tentar preenche-lo com significados e traduzi-lo com palavras, pois o vazio de um sentido e a falta de uma palavra é, necessariamente, a presença de outros sentidos e um convite ao silêncio.

Diante dessas considerações, o presente trabalho tem como escopo abordar as ocorrências do(s) vazio(s) presente(s) em *A máquina de Joseph Walser*, de Gonçalo M. Tavares, identificando as causas desse(s) vazio(s), bem como os efeitos de sentido causados por essa ausência que se impõe enquanto presença. E de fato, *A máquina de Joseph Walser* é um candidato bastante adequado para esse objetivo, pois nesse romance, o vazio torna-se uma questão central ao por em tela a desumanização, a indiferença e a violência da sociedade tecnocrática, uma vez que ele lança luz sobre vazio e o processo de esvaziamento que caracteriza as personagens, especialmente a protagonista.

A máquina de Joseph Walser é o segundo romance da série intitulada *O Reino*, publicado em 2004, por Gonçalo M. Tavares. Como nos demais romances que compõe a série, a guerra, a violência e a indiferença são temas de destaque. O romance conta a história do operário de fábrica, Joseph Walser, obcecado pela precisão técnica, pela máquina e por sua coleção única de peças metálicas. Operário diligente, ele esforça-se para manter o ritmo da máquina com que trabalha e fazer crescer a sua coleção de peças, apesar da guerra e das atrocidades que o cercam. Adepto da cultura tecnocrática, Joseph Walser prima pela exatidão, no sentido mesmo da técnica, e, por isso, mantém uma vida disciplinada ajustada ao ritmo da máquina com que trabalha. Com efeito, percebe-se que a técnica desumanizou-o, fazendo-o agir como máquina, porém como uma máquina em disfunção e inferior, que busca incessantemente pela peça metálica perfeita, como que para consertar o que ele sente que está errado e preencher o seu vazio.

Estava, pois, Joseph Walser, constantemente em frente ao inimigo [a máquina]; mas sendo eficaz, manifestando permanentemente a sua atenção exacta, Joseph conseguia, dia a pós dia, ano após ano, manter esse inimigo a uma distância tal que acabava por o considerar, afinal, um amigo. (TAVARES, 2010, p. 21).

Assim, a “amizade” que Joseph Walser tem por sua máquina é um misto de fascínio e de medo. “Joseph Walser sentia-se, de facto, observado por ela, pela ‘sua’ máquina” (TAVARES, 2010, p. 21), como um superior que observa um subordinado. Para atender às expectativas dela, ele abdica-se de si mesmo afasta-se cada vez mais da sua relação com o próximo e com o seu próprio eu. De tal forma, que ele converte-se em “máquina” e torna-se emocionalmente indiferente ao caos que o rodeia. Com efeito, a sensação de vazio experimentada por esta personagem torna-se paradoxalmente devastadora e libertadora.

Diz-se devastadora, no sentido de que, essa sensação figura, primeiramente, como “privação de sentido e realidade, ao passo que, na verdade, parece que é a incompreensível plenitude do sentido e da realidade” (KUHN, 1949, p. 10-1) ². À medida que a realidade se desintegra diante da violência da guerra, Joseph Walser sofre esse processo de perda de sentido e, como consequência, experimenta uma “paralisia total” diante do caos que se instala e, que se apresenta de forma tão dramática, que só faz aumentar a sensação de vazio reinante. Ao mesmo tempo, enquanto o vazio que se abre diante da personagem é caracterizado pelo horror em função da perda de sentido das coisas e da solidão do outro e de si mesmo, o vazio é, simultaneamente, a possibilidade de um sentido transcendente.³

Assim, a partir de *A máquina de Joseph Walser*, de Gonçalo M. Tavares, espera-se discorrer sobre o(s) vazio(s) representado(s) no romance. Acredita-se que tal presença aponta, primeiramente, para a falta, ausência e privação de conteúdo, e, ao mesmo tempo, a experiência dramática que a personagem tem com o vazio configura-se como expressão de profundidade, capaz de descentralizar o homem-máquina e restituir a sua humanidade. Trata-se de um vazio que “não se pode ser afirmado, não se pode dizer que seja, e por isso, é um meio de questões não respondidas” (KUHN, 1945, p. 31).⁴ Em outras palavras, o vazio pode ser entendido como substantivo do homem, uma instância indizível, que a técnica não pode alcançar, e cujo valor inestimável está associado à angústia de ser, propriedade exclusiva do homem.

2 “Nothingness is the privation of meaning and reality, whereas, in truth, it seems to me that it is the incomprehensible fullness of meaning and reality” (KUHN, 1949, p. 10-1, tradução nossa).

3 “Literalmente transcendência significa ‘atravessar’ ou ‘ultrapassar’. Aquilo que é ultrapassado no movimento da transcendência é, de acordo com a metafísica tradicional, o mundo sensível ou a natureza, e o objetivo do movimento é Deus. Heidegger faz o mesmo termo significar a passagem da existência além de si mesmo para outros objetos além de si mesmo. Assim, ela se torna intimamente ligada à ideia de projeção, e deve seguir a curva reflexiva desse conceito gêmeo. Ou seja, o objetivo do movimento transcendente não está no mundo dos objetos, mas no eu. A existência que transcende a si mesma atravessa o mundo para retornar para si mesmo” (KUHN, 1945, p. 143, tradução nossa). O vazio enquanto possibilidade de sentido transcendente é caminho para compreender as profundezas do sujeito, para descobrir o que estava encoberto ou o que se ignorava. O sujeito consciente de seu próprio vazio não ignora a parte mais profunda de si mesmo. Quem se descobre vazio nele encontra-se a si mesmo e ativa a percepção do silêncio primordial, que se caracteriza por “uma ausência originária: a que impede que o homem se sinta totalizado” (KOVADLOFF, 2003, p. 45).

4 “Nothingness cannot be affirmed it cannot be said to be; therefore the array of unanswered questions” (KUHN, 1945, p. 31, tradução nossa).

Dessa forma, muito para além do vazio enquanto ausência de conteúdo causado pela exacerbação da técnica e da frieza da máquina, o vazio é impreterivelmente possibilidade de sentido transcendente. Sob esse ponto de vista, podem-se distinguir duas instâncias de vazio, cada qual com seus significados e efeitos. Para cumprir os objetivos até aqui elencados convocam-se para este estudo, entre outros autores, Santiago Kovadloff (2003), David Le Breton (1991); (2018) e Helmut Kuhn (1945).

Deve-se compreender desde logo que o vazio é uma palavra que enuncia uma conceituação complexa, mas que por ser também uma palavra de uso corrente, sua definição torna-se mais “solta”, de modo que nem sempre a sua concepção é clara. O termo vazio pode remeter, entre outras coisas, a ideia de algo que nada contém; desabitado; desprovido; falto; vácuo; e até mesmo algo fútil e frívolo (XIMENES, 2000). O vocábulo vazio tem origem latina, *vacivus*, “que significa literalmente falta de conteúdo” (TEIXEIRA, 2008, p. 11). De acordo com Maria Lúcia Homem, “um outro sentido para a palavra ancora-se na parcela *vaz* e significa ‘desprovido, destituído de’, ou seja, vazio como prova de ausência: algo foi retirado e em seu lugar encontra-se o vácuo” (HOMEM, 2005, s/p). Vazio é, portanto, a falta de algo que pode ser potencialmente preenchido e, ao mesmo tempo, aquilo que nada contém, mas que não necessita, necessariamente, de complemento.

O vazio está, portanto, associado à ideia de que não encerra nada, logo, designa o nada. No limite, o vazio é indeterminado e indeterminável. É indeterminado porque não contém conteúdo nem substância, é falto de resolução; e é indeterminável no sentido de não se pode defini-lo, por nele um fim, ou seja, ele não é passível de ser, algum momento no futuro, determinado. O vazio é, pois, indefinível e inefável. Trata-se de ponto de vista enigmático, uma vez que essa noção exclui a própria perspectiva de preenchê-lo. O vazio é, em certo sentido e paradoxalmente, a renúncia de conteúdo em particular para não renunciar a qualquer conteúdo em geral e ser, pois, sentido transcendente. E é justamente por essa característica que o vazio adquire especial relevância para os estudos literários.

Em *Atlas do corpo e da imaginação*, por exemplo, Gonçalo M. Tavares escreve que: “o que nunca termina de ser respondido é o essencial” (TAVARES, 2012, p. 27). O escritor ainda prossegue: “eis o que interessa: rodear o que não tem fórmula, o que ainda não tem solução [...] o que nunca terá solução” (TAVARES, 2012, p. 28). Diante das palavras do autor, é possível afirmar que ele tem, pois, interesse, entre outras coisas, pela modalização do vazio. Tanto que em *A máquina de Joseph Walser*, por exemplo, há a manifestação do vazio de uma experiência e do vazio que é constitutivo e constituidor do homem, que se afirma indeterminável e irresoluto, mas que se apresenta enquanto propriedade e substância inalienável do ser.

Pode-se distinguir, portanto, duas instâncias de vazio representadas no romance: o primeiro é determinado a ser preenchido, caracterizado por uma ausência, por uma falta, por um -1, pela privação e carência de significações disponíveis. O segundo é caracterizado por uma ausência radical e esvaziamento intransponível. Em outras palavras, trata-se do inatingível. De acordo com Santiago Kovadloff, esse vazio é aquele que se percebe enquanto presença inalienável, e, não enquanto ausência. “Olhando sem ver, chamamos Invisível; escutando sem entender, o designamos Inaudível; tocando-o sem atingi-lo, o chamamos de Imperceptível” (KOVADLOFF, 2003, p. 113). Essa instância de

vazio não trata do que propriamente não existe, mas do que existe e não se é capaz de abordar em toda sua extensão.

A despeito de haver um vazio sem conteúdo caracterizado por uma ausência, por uma falta, por um -1, ele ainda é experienciável, isto é, ele não deixa de ser examinado, observado e interpretável. Até mesmo o vazio não deve aceitar-se sem exame, porque, como bem lembra Maurice Merleau-Ponty “A ausência de signo pode ser um signo” (MERLEAU-PONTY, 1992, p. 44). Isto é, a falta de um sentido confirma a possibilidade de múltiplos sentidos, não pela sobreposição e substituição de um sentido por outro, mas pela coexistência de múltiplos sentidos que potencialmente podem significar a partir de um signo ausente.

Por isso, se se admitir que o vazio possa ser falta de algo, não se deve limitar-se a questionar, por exemplo: é falta de quê? Porque os sentidos produzidos pela privação de conteúdo, prescindem do objeto ausente, ou seja, não é necessário reaver ou recuperar aquilo que foi perdido para compreender o vazio, até porque, no limite, isto não é mais possível, entretanto, faz-se necessário, senão primordial, ressignificar essa perda observando as flutuações de sentido sempre pendentes. Helmut Kuhn defende que a ausência de um signo fornece a pista para outros signos possíveis conferindo, portanto, um semblante de positividade a uma negatividade (KUHN, 1945). Logo, o vazio caracterizado pela privação significa mesmo enquanto ausência de signos disponíveis.

Recorrendo às palavras de Santiago Kovadloff, “o vazio [...] dista de ser mera negação de presença. É presença de outra índole [...] não é necessariamente o que não existe [...] ao contrário, o que só percebemos como ausência” (KOVADLOFF, 2003, p. 113). A ausência mencionada por ele não deve ser entendida como ausência redutora de significados. E nesse ponto, é importante ressaltar a diferença entre o vazio com a marca do menos e o vazio que se faz notável enquanto presença primordial. Porque para Maria Lúcia Homem, o vazio como falta é um indicativo da “possibilidade de” (possibilidade disto ou daquilo, ou seja, significações pendentes e disponíveis), que para essa autora, não se confunde com o inominável (HOMEM, 2005).

De maneira complementar, Santiago Kovadloff entende que o vazio de uma carência “poderia ser dito alguma vez” (KOVADLOFF, 2003, p. 9), porque ele se trata de “ocultação ou negação do que, no final das contas, seria possível explicitar [...]” (KOVADLOFF, 2003, p. 9). Isto é, trata-se, pois, de um vazio que se apresenta, de antemão, como frágil e efêmero que se enraíza em terreno tangível e se interpõe entre o sujeito e o objeto ausente. Este vazio alimenta a expectativa de que, eventualmente, poderá ser definível e preenchível.

Cria-se a ilusão de que assim que se descobrir o elemento faltante e ou as causas de sua ausência o vazio estará superado. Entretanto, o vazio de uma carência é uma noção cambiante que muda conforme as circunstâncias. De tal forma que o homem tenta em vão preencher aquilo que somente é parcialmente reconhecível. E a busca de significado é simultaneamente negação de outros significados possíveis. Embora tangível e verbalizável por ser ausência de significações disponíveis, é também, por essa mesma razão, irresoluto e indefinível, pois a definição de qualquer coisa implica na exclusão de quaisquer outras significações disponíveis. Em suma, se fosse possível satisfazer o vazio de tudo seria impossível reconhecer o vazio em qualquer coisa.

O vazio inominável, por outro lado, ainda segundo Santiago Kovadloff, “[...] só percebemos enquanto ausência [...]” (KOVADLOFF, 2003, p. 113). Este pode ser reconhecido,

mas “não pode ser alcançado” (KOVADLOFF, 2003, p. 10). O inominável que caracteriza o sujeito não tem nada de encoberto; ele é, pois, uma presença incontestável e irreduzível além de seu meio, porém sem ser inexpressável. É ainda que inacessível à palavra, não deixa de significar. O inominável é uma instância intransponível que sempre permanecerá, em certa medida, ignoto e repleto de reservas para as quais a sua apreensão total será, definitivamente, impossível e inapreensível, o que sustenta a ilusão de que ele é vedado à compreensão por não estar disponível à explicitação, quando, na verdade, é significação de outra natureza, ou seja, sentido-vazio; silêncio primordial.

O vazio em questão não significa, portanto, *nihil* ou simplesmente o nada, mas uma instância radiante de significações que não é constituída de sentidos verbalizáveis, mas “[...] silêncio extremo do qual o seu próprio nome é apenas umbral, pórtico aberto ao insondável” (KOVADLOFF, 2003, p. 167), que se desdobra diante do sujeito. Segundo Santiago Kovadloff, a experiência com o vazio é perceber-se diante desse “horizonte inescrutável, quase sempre encoberto pela necessidade imperiosa de escapar da angústia da própria contingência” (KOVADLOFF, 2003, p. 121). Para explicar essa condição, o autor ainda recorre à obra de Martin Heidegger, que diz que existir significa reconhecer-se dentro desse nada que não é nem positivo e nem negativo, mas que aciona a percepção de uma presença e de uma ausência. Martin Heidegger acredita que “Existir (exsistir) significa: estar sustentando-se dentro do nada (...)” (HEIDEGGER, apud KOVADLOFF, 2003, p. 48). Existir, para ambos os autores, significa reconhecer-se como parte desse vazio e reconhecer o vazio como parte de si próprio. Talvez, esse reconhecimento pudesse acionar a percepção da existência e por sua excepcional intensidade ele poderia suprir uma carência de imagem e permitir ao homem o reconhecimento de si mesmo diante de seu próprio vazio. Em síntese, o homem é resguardado no próprio vazio e o inominável se resguarda no interior do próprio homem.

Assim, diante da possibilidade de o vazio significar tanto pela carência e pela falta como quanto pela presença de um sentido-vazio e silêncio primordial, espera-se confirmar a hipótese de que o vazio, acelerado pela violência da técnica e da guerra, significa enquanto “possibilidade de” e que o vazio que se manifesta no silêncio primordial é expressão de profundidade, capaz de descentralizar Joseph Walser “o homem-máquina” e restituir a sua humanidade. Acredita-se que a incursão no romance de Gonçalo M. Tavares, assinalará duas instâncias de vazio, cada qual com suas características e com seus efeitos de sentido que se confirmarão fundamentais à leitura e à compreensão de *A máquina de Joseph Walser*.

É particularmente significativo que as primeiras linhas de *A máquina de Joseph Walser* descrevam um “homem estranho” (TAVARES, 2010, p.9), que enquanto veste as calças, diz à esposa: “Claro que os humanos eram materiais que pensavam!” (TAVARES, 2010, p. 9). Necessário efeito do ponto de vista acima expresso, é a ideia de que homens e máquinas (materiais) se confundem ao ponto de ser, em essência, a mesma coisa.

Na epígrafe que se lê “o espanto da semelhança”, de Maria Filomena Molder⁵, a

5 “O espanto da semelhança” faz eco em outra obra de Gonçalo M. Tavares intitulada *Breves notas sobre as ligações*. Nesta obra, o autor retoma essa expressão de Maria Filomena Molder e discute sobre o que significa ser um colecionador. Joseph Walser é um colecionador e nas palavras de Maria Filomena Molder, “(os colecionadores) [são] « movidos pela expectativa de encontrar » (MFM)” (TAVARES, 2012, p. 267). Ser colecionador é estar em uma busca, de certa maneira, constante, para preencher vazios com objetos

apropriação das palavras da autora preenche o vazio da narrativa diante de uma relação que o leitor perceberá inenarrável e, portanto, vazia. A menção à semelhança põe em relevo a obscura relação da personagem com a máquina, que é em última análise a motivação de sua experiência com o vazio. A segunda epígrafe, por sua vez, é mais direta sobre essa relação: “Ele bem queria rezar a oração, mas só era capaz de se lembrar da tabuada”, de Hans Christian Andersen. O que está proposto é a falência da resistência ou da oposição à reificação para existir como humano.

Ambas as epígrafes traduzem a ideia da técnica como substituição parcial ou mesmo total do ser humano. Ideia que se complementa quando no início do romance se lê que: “Materiais com alma, diria mesmo Margha” (TAVARES, 2010, p. 9). A imagem da máquina se confunde com a imagem do humano, com a única diferença de que esta possui alma. Atributo faltante na máquina e uma distinção frágil se se levar em estrita consideração a personagem protagonista.

Joseph Walser é um operário de fábrica que age como máquina, e tudo em sua rotina é absolutamente ajustado ao ritmo implacável dela, o que explica a sua convicção sobre a semelhança entre o homem e a máquina. Esse homem “vestia umas calças simples, quase de camponês, e os seus sapatos castanhos estavam absolutamente fora de moda” (TAVARES, 2010, p.9). Na opinião de sua esposa: “Estás vestido como noutro século. Já ninguém pensa assim” (TAVARES, 2010, p. 9). Em suma, está inadequado tanto na forma de se vestir quanto na de se pensar. Um homem que se considera máquina vivendo entre homens, conseqüentemente, sente-se desajustado, incompatível e inadequado. Por isso, a personagem protagonista adota uma postura vazia e evasiva, ou seja, de mudez e de esvaziamento completo.

Klober Muller – o encarregado da fábrica onde Walser trabalhava – declara: “Você não perde tempo meu caro, tem aquilo a que se pode chamar ‘instinto da utilidade’, um instinto que lhe permite afastar-se precisamente do desperdício, do excesso. Você é um homem exacto Walser” (TAVARES, 2010, p. 156). Muito embora, caiba ressaltar que o “instinto da utilidade” citado por Klober Muller sobre Joseph Walser não se materializa, uma vez que a personagem que “não perde tempo” não é retratada exercendo sua atividade na fábrica. Ao contrário, as vezes que a personagem está diante da máquina da fábrica a ação é suspensa em favor da discussão sobre a relação entre homem, técnica e máquina. A realização do trabalho em si é esvaziada e cede espaço às divagações ou do narrador ou do encarregado. A personagem também se esvazia por completo, isolando-se em casa com a sua coleção única de peças metálicas ou entretenendo-se com o corriqueiro jogo de dados na casa de colegas.

Joseph Walser é absolutamente indiferente. Não porta documentos e, por isso, recebe uma reprimenda de alguém não enunciado pelo narrador em um espaço não definido, ou seja, espaço e tempo se dissolvem e o vazio sobreescreve as instâncias narrativas. Nessa parte, lê-se que: “Joseph Walser não traz documentos. Alguém diz: estes dias não são para distrações, são necessários documentos. Joseph Walser recebe a reprimenda em silêncio” (TAVARES, 2010, p. 10). Em tempo de guerra, crê-se passar

da mesma natureza. “Colecionar é ligar as coisas pelas suas semelhanças [...] o colecionador é obcecado pelas semelhanças [...]” (TAVARES, 2012, p. 268). Mas não apenas isso, o colecionador é obcecado em ocupar espaços “vazios” com as peças que ele coleciona e também pela sua identificação com o objeto colecionado como é o caso de Joseph Walser.

despercebido, afinal, supõe-se máquina; máquina em meio a homens.

Com efeito, o vazio de identificação da personagem aprofunda a sua relação com uma das formas de vazio abordada pelo romance: vazio da ausência e da carência de imagem e de sentido. Por isso, opta por silêncio. “Walser era um homem estranho, falava pouco” (TAVARES, 2010, p. 19). Entretanto, a maneira de estar em silêncio dele difere do silêncio atencioso, do bom ouvinte, muito pelo contrário, a postura da personagem é de completo emudecimento.

Em função disso, frequentemente questiona-se: “Meu caro Joseph Walser, estará mesmo a ouvir-me – era-lhe perguntado vezes sem conta. O rosto de Walser denotava um alheamento geral constante” (TAVARES, 2010, p. 19). Joseph Walser cala para omitir-se, para não emitir qualquer sentido. A personagem renuncia opiniões, julgamentos, avaliações de quaisquer tipos e adota uma atitude absolutamente indiferente e vazia. Levando em consideração o esvaziamento produzido por ela em função do seu comportamento silente, é possível traçar um paralelo com o que escreve David Le Breton: “a indiferença ao mundo e aos outros poupa qualquer investimento, mas expõe ao vazio [...] o indiferente cria um universo único para si, autossuficiente” (LE BRETON, 2018, p. 38), mas apenas em aparência.

De modo que, o alheamento extremo é consequência do sentimento de colapso e do seu autoaprisionamento no vazio, o qual torna o sujeito incapaz de “ir além da estreiteza imposta por aquilo que chamamos habitualmente de ‘nós mesmos’” (KOVADLOFF, 2003, p. 177). Ao invés de se entregar a um silêncio capaz de permitir que se “reconheça em sua condição básica de carente” (KOVADLOFF, 2003, p. 49), Joseph Walser nega essa carência pela incapacidade de nomear aquilo que lhe falta.

O “gerenciamento” das relações com as demais personagens é fruto do horror ao vazio do inominável. Com efeito, a dificuldade da personagem em compreender esse vazio invisível, inaudível e imperceptível que lhe fala, o leva a esvaziar-se de si mesmo e refugiando-se em sua coleção. O vazio, rapidamente, no caso de Joseph Walser, transforma-se em esvaziamento, vazio em negativo e enquadra-se como radicalização do processo de reificação e, por conseguinte, promove o anulamento do outro e o seu próprio autoanulamento.

A mudez da personagem constrói em volta dela uma fortaleza vazia, cuja única função é blindar e apartar a personagem dos acontecimentos do mundo exterior e ao mesmo tempo de seu próprio interior. A realidade exterior tornou-se insuportável para a personagem: guerra, violência, trabalho extenuante etc.. Não obstante, ela também não buscou refúgio dentro de si, para não se encontrar com o seu próprio vazio. Ao invés, ausentou-se de si mesmo e ficou indiferente a todos ao seu redor. Sobre isso, destaca-se a seguinte passagem:

Ele sim era um grande Homem, um Homem, como defendia Klober, que conseguia estar separado de todos os outros, um homem verdadeiramente sozinho e individual. Porque precisamente os seus actos pareciam não ter qualquer ligação às outras pessoas, como se estas não existissem. Estavam separados: ele e os outros; os seus actos eram independentes, autônomos, e esta era a sua grandeza. (TAVARES, 2010, p. 129).

David Le Breton escreve que “o indiferente põe uma espécie de vidraça entre ele e o mundo, um muro invisível, para não ser atingido por um acontecimento [...]” (LEBRETON, 2018, p. 39). O alheamento constante da personagem corresponde a um recurso para se poupar da violência exterior e do vazio sem sentido que a rodeia. Apesar disso, o fechamento sobre si mesmo expõe Joseph Walser ao seu próprio vazio. Entretanto, a incapacidade de poder lidar com essa instância de si que é, de antemão, inominável e irreversível, torna a personagem indiferente a ela própria. E tal incompreensão configura-se como peça chave para compreensão do vazio romance.

Em um mundo povoado pela máquina e regido segundo a lei da máquina e da técnica, conviver com o seu próprio vazio e com o seu silêncio interior parece impossível. E quanto mais a técnica obriga o homem a refugiar-se dentro de si mesmo, menos o homem consegue lidar com o seu vazio. E tal sensação fortalece em seu íntimo o seu desejo de tornar-se máquina e superar de todo modo o vazio que lhe é inerente. “O alheamento constante em relação às conversas e a estranheza de alguns dos seus comportamentos tinham, definitivamente, a mesma origem. A sua coleção [...]” (TAVARES, 2010, p.81) de peças metálicas, que se explica pelo fato de a personagem querer encontrar entre essas peças a peça que lhe falta e converter-se em máquina.

O superior de Joseph Walser na fábrica o alerta que: “As máquina de guerra vêm aí, mas não tenha medo. O problema não são as máquinas que se aproximam da cidade, são as máquinas que já aqui estão” (TAVARES, 2010, p. 15). A disparidade fundamental que caracteriza a relação entre homem e máquina reside no fato de que, quaisquer que sejam as máquinas, elas superaram o ser humano. Esse “é o grande espanto do século” (TAVARES, 2010, p. 17). De acordo com Klobler Muller: “ser feliz já não depende de coisas que vulgarmente associamos à palavra Espírito. Depende de matérias concretas. A felicidade humana é um mecanismo” (TAVARES, 2010, p. 17). Assim, a confrontação entre máquina e homem é absolutamente marcada por dissonâncias perpétuas. “As máquinas interferem na História do país e também na nossa biografia individual” (TAVARES, 2010, p. 15). Resulta do que foi exposto que a nova posição ocupada pela máquina na história inspira o vazio em Joseph Walser. Segundo Klobler Muller, o homem foi destituído de tudo em favor da máquina. À máquina tudo e a Joseph Walser nada.

Assim, “quanto mais intensidade existia no corpo, mais fácil era afastar-se, ser testemunha de si próprio” (TAVARES, 2010, p. 124). Quanto mais dedicado à máquina, menos ele se dedicava a si mesmo. De tal modo que Joseph Walser se projetava para fora de si mesmo, longe do seu vazio interior. Ver-se de longe “[...] quando a intensidade dos sentimentos era quase nula. Se ele já lá não estava – na existência – como se poderia ainda mais afastar?” (TAVARES, 2010, p. 124). A resposta para ele tornou-se simples: converter-se, absolutamente, em máquina.

Estava, pois, Joseph Walser, **constantemente** em frente ao inimigo [a máquina]; mas sendo **eficaz**, manifestando **permanentemente** a sua **atenção exacta**, Joseph conseguia, dia a pós dia, ano após ano, manter esse inimigo a uma distância tal que acabava por o considerar, afinal, um amigo. (TAVARES, 2010 p. 21, grifo nosso).

Pelo exposto, evidencia-se o processo de reificação da personagem protagonista. Enquanto trabalha operando a máquina precisa mostrar, sem qualquer hesitação, constância, eficácia, permanência e atenção exata em tudo que faz. Características

próprias de uma máquina. Com efeito, a máquina – sua inimiga – torna-se sua amiga ao final. “Joseph Walser sentia-se, de facto, observado por ela, pela ‘sua’ máquina” (TAVARES, 2010, p. 21), como um superior que observa um subordinado, cumprindo exatamente as funções que lhe foram atribuídas. O operário tentava corresponder às expectativas dela como se ela o avaliasse.

Joseph Walser faz agora um pequeno intervalo, afastando-se da sua máquina que quase o sufoca depois de duas horas seguidas de esforços [...] Joseph Walser envelhece, mas mantém a adoração pela ‘sua’ máquina de trabalho e por todos os mecanismos. Em diversos momentos o som do motor e o seu trepidar confundem-se com o bater cardíaco, pois ambos os ‘órgãos’ estão em pleno funcionamento, em plena excitação, e encostados um ao outro misturam-se, provocando em Walser, por vezes, sobressaltos ridículos quando, a horas certas, às horas exactamente planeadas, o motor da máquina subitamente cessa. E é aí que Walser percebe a ligação que existe entre o seu corpo e a máquina (TAVARES, 2010, p. 53).

Não pode existir reciprocidade entre o homem e a máquina se ambos têm dissimilaridades irreparáveis, mas Joseph Walser não percebe isso quando está operando a “sua máquina”. A insistência da personagem em chamá-la de “sua”, como se ela, de fato, pertencesse a si ou fosse parte de si, confunde mais a relação que ele tem com a máquina da fábrica. À medida que a personagem desumaniza-se em prol da máquina esta, por sua vez, personifica-se. A personagem doa seu coração à máquina e “em diversos momentos o som do motor e o seu trepidar confundem-se com o bater cardíaco, pois ambos os ‘órgãos’ estão em pleno funcionamento” (TAVARES, 2010, p. 53). O motor de metal transforma-se em órgão e o coração rende-se ao ritmo e à velocidade da máquina.

A ligação entre Walser e a máquina encerra um duplo aspecto: a personificação da máquina parece concorrer com o processo de reificação da personagem protagonista: uma troca assimétrica. Em coerência com a impossibilidade de ele reconhecer-se humano, Walser demonstra dificuldade no reconhecimento da máquina enquanto máquina (coisa). Além disso, o vínculo que ele procura construir entre ele e a máquina está ligada ao desejo da personagem de que ela (a máquina) torne-se o “ser” que o libertará do vazio que é expressão máxima de humanidade. E diante disso, o vazio enquanto possibilidade de transcendência torna-se, gradativamente, o vazio do retirado, do ausente. Cada vez que a máquina cessava:

Walser não morria, isso tornava-se para ele evidente um segundo depois de cada paragem [...] O organismo de Walser ficava, quase se poderia dizer, melancólico, no momento em que o motor parava e ele percebia que estavam ali, em jogo, afinal, duas coisas: ele e a máquina. Duas coisas incompatíveis, separáveis, duas coisas que se podiam afastar. E a melancolia vinha desta evidência [...] (TAVARES, 2010, p. 54).

E em concomitância com a atitude de Joseph Walser, Klobler Muller, explica que “[...] a ciência individual por excelência, no limite, quer eliminar todas as outras existências, porque as odeia [...]” (TAVARES, 2010, p. 119). E o que se percebe é que o comportamento de Walser espelha esse conjunto de valores. E em virtude disso, Joseph Walser era:

[...] um homem verdadeiramente sozinho e individual. Porque precisamente os seus actos pareciam não ter qualquer ligação às outras pessoas como se estas não existissem. Estavam separados [...] Já estou preparado para não amar ninguém – e esta frase dita assim, para si próprio, era sentida como a sua grande arma em tempo de guerra, a grande defesa em relação à agressividade do século [...] não possuía qualquer inclinação para o amor ou para a amizade. (TAVARES, 2010, p. 129-0).

Entretanto, apesar de manifestar claramente o seu desejo de se anular e de se afastar de todos, “conseguir distanciar-se do mecanismo que o constitui não faz o mecanismo deixar de existir” (TAVARES, 2010, p. 128), ou seja, afastar-se de si mesmo como que para se afastar do vazio que lhe é inerente não faz com que o vazio simplesmente deixe de existir, porque, em um primeiro momento, este vazio não é privação, mas consiste justamente de uma realização fundamental da existência.

Decorre desse afastamento a evidencia ainda maior do vazio existente entre as coisas: “[...] todas as coisas entre si se podiam afastar” (TAVARES, 2010, p. 54). Joseph Walser comprovava tal consideração fazendo uma pequena experiência: “Aproximava-se de uma das mesas de trabalho, encostadas a uma parede, e puxava-a, como que a querer sentir a força que separar exige e, ao mesmo tempo, o fácil que é fazer esse acto” (TAVARES, 2010, p. 54). Embora desnecessário o gesto foi o suficiente para Walser perceber como poderia suprimir o vazio.

Gonçalo M. Tavares escreve que “as ligações são diminuições de liberdade, eis uma ideia antiga: a indiferença como sinônimo de liberdade [...]” (TAVARES, 2012, p. 129) e, neste caso, de superação do vazio. Negar qualquer vínculo com o mundo ao seu redor para permanecer suspenso fora da existência, significa, paradoxalmente, ser carente de tudo e ao mesmo tempo, não pertencer a nada, ou seja, significa libertar-se do vazio inerente às ligações e às aproximações. Ao propor um afastamento definitivo entre ele e as coisas, explica David Le Breton que “o indivíduo está desligado, indiferente, mas continua presente sem se sentir obrigado a participar” (LE BRETON, 2018, p. 33). Com isso, em resposta ao vazio inominável, o qual não poderia superar sem suprimir sua própria existência, uma vez que sua disposição absoluta se afirma na própria existência, Joseph Walser provoca, não sem consequências, uma carência.

Primeiro, afastar-se do outros, ser carente do outro: “quanto mais a desordem e a imprevisibilidade da guerra aumentavam mais Walser se refugiava no seu escritório” (TAVARES, 2010, p. 82). Segundo David Le Breton, “é possível enclausurar-se na própria casa ou fazer o próprio apartamento um mosteiro [...]” (LE BRETON, 2018, p. 22). Depois, afastar-se da máquina:

Joseph Walser recomeçou naquele dia, após a breve interrupção das dezasseis horas, o seu trabalho, colocando o corpo ao longo da máquina para o recomeço dos gestos [...] o peito de Walser pousava verticalmente sobre uma peça metálica ligeiramente desconfortável na sua parte mais inferior [...] as mãos estavam já nos locais próprios da máquina, encaixando de modo exacto e permitindo apenas os gestos necessários à função. De repente, a mão escorregou ao longo da máquina e, destacando-se de todos os outros ruídos da fábrica, um enorme grito saiu da boca do funcionário Joseph Walser. (TAVARES, 2010, p. 55).

A ruptura se dá tanto entre a personagem e a máquina quanto na própria narração. O capítulo e a primeira parte do romance terminam subitamente sem enunciar o que teria acontecido à personagem. “Tinham-lhe amputado o dedo indicador” (TAVARES, 2010, p. 75) da mão direita. Joseph Walser nunca mais trabalharia junto da “sua” máquina novamente. Não havia mais ligação entre ele e a máquina da fábrica. A prova do vazio tornava-se então certeza da falta de um dedo e do seu distanciamento em relação à máquina. A sensação de vazio era suportável porque reconhecível e denominável, diferentemente do vazio que o constitui enquanto homem.

Joseph Walser fecha-se sobre si mesmo, evita sair de casa. “Queres ficar sozinho? – perguntou Margha. Walser não respondeu” (TAVARES, 2010, p. 73). Na sala em que guardava os objetos de sua coleção ele encarava a sua mão: “com o livro de anatomia aberto, Joseph Walser pousou de novo as mãos na mesa e abriu-as [...] Sentiu então um terror, como se estivesse a olhar para as mãos de um monstro” (TAVARES, 2010, p. 78). A falta do dedo indicador da mão direita materializava o vazio do retirado.

A incapacidade da personagem em lidar com o vazio indizível da sua existência fez com que provocasse um vazio reconhecível senão pela presença, mas pela falta. Tal é o vazio que alimenta a expectativa de que eventualmente poderá ser recobrado, criando a ilusão de que conhecendo o(s) elemento(s) faltante(s) – o dedo indicador da mão direita e o seu afastamento definitivo da “sua” máquina – decorrência da amputação em função do acidente, poderia, em algum momento, superá-los.

Os olhos pareciam ainda obcecados pelo espaço deixado vazio pelo dedo indicador, porém, a mão comportava-se, aparentemente, como um grupo que se houvesse organizado, de modo interno, para continuar a cumprir sua missão [...] Desde o primeiro momento em que vira aquele espaço absurdo no sítio onde antes estava o seu dedo indicador, que percebera que seus dedos eram coisas como quaisquer outras; a sua mão inteira era uma coisa como qualquer outra, uma coisa separável de si, exatamente como a régua e a peça metálica. (TAVARES, 2010, p. 79-0).

Aliás, por um tempo, “Walser sentia que alguém, ou algo, lhe havia roubado não apenas uma parte do corpo, mas movimentos [...] haviam-lhe roubado possibilidades de movimento; numa palavra: vontades” (TAVARES, 2010, p. 92). Apenas com a sua coleção é que ele se sentia “apaziguado” (TAVARES, 2010, p. 94) como se as peças de sua coleção compensassem a falta do dedo. É verdade que por um certo tempo, Walser desejou retornar ao seu antigo posto na fábrica. “Joseph Walser sentia apenas falta da ‘sua’ máquina. Era a ausência do contacto diário com esse mecanismo que lembrava a amputação sofrida” (TAVARES, 2010, p. 89). Tendo perdido o dedo, também perdera o direito de operar a máquina. A sensação de vazio que tomou Joseph Walser, no entanto, se bastava com a sua coleção.

Enquanto registrava mais uma peça para coleção Joseph Walser olhou fixamente para: “a peça metálica, a sua mão esquerda, a sua mão direita e a régua [...]” (TAVARES, 2010, p. 79) e se convenceu de que seu dedo amputado não era indispensável. Ele – Joseph Walser – “funcionava” perfeitamente bem sem o dedo indicador da mão direita, mas sabia que as peças de sua coleção eram indispensáveis ao mecanismo a que pertenciam.

As peças metálicas que ele reunia tinham o potencial de “interferir na guerra”

(TAVARES, 2010, p. 100), diferentemente de dedo indicador. Pensava que cada peça que ele possuía era uma arma a menos no conflito se esta pertencesse a uma arma. “Este pensamento deu a Walser um enorme prazer. Se aquela peça pertencia a uma arma, pequena ou grande, essa arma não estaria agora a funcionar [...]” (TAVARES, 2010, p. 99). Assim, “o espaço vazio do seu dedo já não perturbava minimamente o olhar. Era como se a mão tivesse nascido assim, com ele” (TAVARES, 2010, p. 98). A falta de um dedo àquela altura não tinha qualquer relevância.

O que não se pode dizer que a personagem acostumara-se à deficiência na mão direita, embora soubesse que o vazio que se materializava na falta de um dedo era irremediável, porém, era preferível ao “vazio inevitável com o qual tropeça o seu desejo de alcançar inteira elucidação” (KOVADLOFF, 2003, p. 45), sabendo que essa dimensão do vazio ele jamais poderia suprimir. Logo, a sua amputação e, conseqüentemente, o afastamento da máquina da fábrica eram decorrências de “um homem exacto” (TAVARES, 2010, p. 156). Pode-se dizer de uma falha calculada.

Quando Walser encontrou um cadáver na calçada com mãos perfeitas e completas “passou-lhe pela cabeça isto: [...] ele podia rapidamente roubar a mão direita ao morto, leva-la, e trocar depois pela sua. Para que quer ele todos os dedos se está morto?” (TAVARES, 2010, p. 132). Entretanto, tal pensamento foi substituído pela conclusão de que “aquele homem estava morto; já não se encontrava à sua frente, apesar de apenas a poucos centímetros” (TAVARES, 2010, p. 133). Por que roubar alguém ou algo que já não está presente? Seria como roubar do próprio vazio. “Walser baixou-se e começou a desapertar o cinto” (TAVARES, 2010, p. 134). Roubou a fivela do cinto do cadáver, pois ele constatara antes que ela era indispensável ao objeto ao qual pertencia, diferentemente das mãos daquele cadáver.

Era como se sua coleção tivesse um novo propósito: criar ausências tomando uma peça indispensável ao mecanismo. Se, de fato, Joseph Walser não poderia superar definitivamente a sua condição de carente, poderia, por sua vez, promover o vazio nas máquinas. A máquina o esvaziara, ele esvaziaria as máquinas recolhendo peça por peça e guardando junto às demais de sua coleção.

O final do romance registra o fim da guerra, a volta da normalidade, “o tempo passara” (TAVARES, 2010, p. 154) e “não parece ser Joseph Walser” (TAVARES, 2010, p. 147). Finalmente testemunhara o fim da guerra e repetia: “acabou e estou vivo! Como se estranhamente estar vivo pudesse ser o final de alguma coisa” (TAVARES, 2010, p. 146). O fim do esvaziamento de si mesmo? Chegara, portanto, o fim de ver-se de longe? “Conseguimos, Joseph” (TAVARES, 2010, p. 146) acrescentou Margha. O que se pode depreender dessa passagem é o “esforço” empreendido por essas personagens para sobreviver à guerra como se tudo o que fizeram até esse momento fosse reflexo do instinto de sobrevivência: ser vazio para se proteger e para sobreviver.

Na última cena, Joseph Walser está só com Klober Muller. O protagonista é absorvido pelo monólogo da outra personagem que expressa o seu ódio pelo humano: “tenho até um certo nojo da matéria humana, devo confessar” (TAVARES, 2010, p. 160) e aos poucos, revela o seu ódio por Joseph Walser. Klober Muller responsabiliza Walser por ter abandonado a sala de máquinas, por ter deixado de ser um mecanismo eficiente e constante na fábrica, para se tornar um mecanismo preguiçoso:

Abandonou-nos, sabe, caro Joseph Walser? Foi para outro sítio e deixou-nos aqui, sozinhos, com as máquinas. Já reparou: está a ouvir? Estão a funcionar. Exactamente. Ao domingo e a funcionar. Todas. Liguei-as, não é extraordinário? Os motores funcionam ao domingo. Mas não foi para lhe falar da preguiça de alguns mecanismos que o chamei hoje aqui (TAVARES, 2010, p. 155).

E, atrevendo-se ir mais além, Klober Muller desaprova todo o comportamento de Walser durante de guerra: o alheamento constante, como se estivesse desligado dos acontecimentos, não se envolvendo com a guerra: “sei que não participou da guerra, fez bem em afastar-se, tal como eu, diga-se” (TAVARES, 2010, p. 156), fazendo-o parecer “de um outro mundo, de um outro século” (TAVARES, 2010, p. 159). Cabe reportar que as palavras de Klober Muller se contradizem. Segundo ele, “atraíçoei um ou outro homem – sei que alguns talvez tenham sido fuzilados com o meu contributo ou, pelo menos, com a minha falta de memória abrupta [...]” (TAVARES, 2010, p. 160). Registre-se, portanto, que “insistia Klober –, os factos não se passaram como são contados” (TAVARES, 2010, p. 117). É importante considerar essa declaração da personagem uma vez que suas palavras estão aquém de suas verdadeiras intenções. Walser compreendera que o que Klober dizia sobre a grandeza era falso.

O monólogo prossegue: “Você é um homem de paz, sem dúvida” (TAVARES, 2010, p. 160); “Eu sou seu amigo, espero que finalmente o perceba. Você merece viver, Walser, e não ei dizer melhor frase a um homem [...]” (TAVARES, 2010, p. 162). Quando, na verdade, Walser era um homem que, no seu entendimento não merecia viver. Klober Muller considerava-o um covarde. Dizia ele que: “Os outros, os que fogem para a montanha ou para a floresta, não são solitários mas covardes. Tanto como os que não saem de casa até que a guerra acabe” (TAVARES, 2010, p. 119). Assim, trancados à chave no escritório, dariam início à derradeira guerra:

[...] a última guerra, a verdadeira, a que se afastará desta imitação, será aquela e que cada um combaterá todos os outros, em que cada homem será o início e o fim do seu exército; a guerra verdadeira, a guerra exacta, a guerra que demonstrará finalmente o que é um indivíduo, essa guerra, que ainda não veio, que jamais se viu em qualquer ponto, mas que verá, estou certo, essa guerra é aquela onde, qualquer dois corpos que se aproximem o farão por ódio. Toda aproximação será para matar, ou ainda não estaremos perante verdadeiros Homens. (TAVARES, 2010, p. 120).

Com uma pistola carregada com apenas um cartucho, o jogo de dados de decidiria quem levaria o tiro daquela arma. Havia muita provocação da parte de Klober Muller: “seria uma grosseria exigir que disparasse sobre mim com uma mão deformada. Estaria a exhibir a sua deficiência, esse buraco” (TAVARES, 2010, p.161). Para ele, era inconcebível ser executado por um homem com duas mãos fracas (a mão deficiente e a mão esquerda). “Nunca o dedo indicador da sua mão fez tanta falta como hoje. Maldita amputação, meu amigo” (TAVARES, 2010, p.161). Ele também acrescentara que: “não roubaria a felicidade de quem anda por aí só para que viesse testemunhar o meu suicídio” (TAVARES, 2010, p. 159). Precisamente este último ponto é de extrema relevância, pois há indícios no monólogo de Klober Muller que ele não pretende cometer suicídio: “ainda não decidi nada, estou a aqui a falar consigo porque realmente ainda não decidi” (TAVARES, 2010, p. 159). Para ele, ser morto por outro faria mais sentido, mas não,

por alguém mais fraco, como era Joseph Walser, um homem deficiente. Klober Muller não enxergava Walser além de sua deficiência. Era, de fato, um homem inferior e covarde que teria que ser eliminado. “Toda aproximação será para matar, ou ainda não estaremos perante verdadeiros Homens” (TAVARES, 2010, p. 120). Convencido de sua superioridade, Klober lança os dados primeiro. Os resultados favorecem-no. Joseph Walser, no entanto, permanece absorvido em silêncio.

O jogo de dados sempre fora um escape ao vazio, pois, quando jogava “sentia que controlava o mundo” (TAVARES, 2010, p. 29), “nada era desconhecido, não havia o algo mais que perturba, o algo mais não visível” (TAVARES, 2010, p. 26), ou seja, esquecia-se da impreterível presença vazio. Mas, na presença do encarregado o jogo era outro, tornava-se uma ameaça: o resultado decidiria ou pela vida ou pela morte. Não por acaso, o romance reservou-se ao silêncio. Nenhuma palavra é dita quer pelo narrador quer pelo protagonista. Sabe-se, porém, que ele se prepara para lançar os dados. David Le Breton escreve que “o vencido é reduzido ao silêncio” (LE BRETON, 1991, p. 90). No último lance, o silêncio impõe-se sobre a narração e prevalece o enigma da palavra ausente: o vazio.

À luz dessas reflexões, *A máquina de Joseph Walser* aponta para vazio(s): o primeiro que se afirma inapreensível e irresoluto, mas que se apresenta enquanto propriedade e substância inalienável do ser e o segundo, caracterizado por uma ausência, vazio efêmero. Com o desdobramento da análise desse romance, constatou-se que quanto mais a personagem empenhou-se para preencher a sensação de vazio que é referência à presença originária, maior e mais profundo ele se tornou e, conseqüentemente, mais rico em sentidos, pois essa instância de vazio não implica renúncia aos sentidos, e sim uma maneira de concebê-los.

No entanto, a dificuldade da personagem protagonista em lidar com o seu próprio vazio, converteu-se um processo de esvaziamento de sentidos que é, na verdade, acelerado pela sua crença quase total e absoluta na técnica e na precisão da máquina. Para ele, o ritmo da máquina é tomado como uma lei inevitável, cuja força prende inexoravelmente a humanidade, então não cabe ele rebelar-se contra ela, mas render-se. Entretanto, render-se, nesse contexto, significa demonstrar a mais absoluta competência diante da máquina; submeter-se a ela. E ao final, apesar da ruptura definitiva com a máquina a personagem demonstra a sua incapacidade de resistir para existir como humano.

REFERÊNCIAS

HOMEM, Maria Lúcia. A função do vazio. In: *Anais V Encontro Latino-Americano dos Estados Gerais de Psicanálise*. 2005.

KOVADLOFF, Santiago. *O silêncio primordial*. Rio de Janeiro: José Olympio: 2003.

KUHN, Helmut. *Encounter with nothingness: an essay on existentialism*. Hinsdale: Henry Regenery Company. 1945.

LE BRETON, David. *Do silêncio*. Tradução de Luís M. Couceiro Feio Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

_____. *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A linguagem indireta e as vozes do silêncio. In: *Signos*, São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.39-87.

TAVARES, Gonçalo M. *A máquina de Joseph Walser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Breves notas sobre ciência; breves notas sobre o medo; breves notas sobre as ligações* (Llansol, Molder, Zambrano). Lisboa: Relógio D'Água, 2012.

_____. *Atlas do corpo e da imaginação*. Alfragide: Editorial Caminho, 2013.

TEIXEIRA, Virgílio Franco de Freitas. *O vazio e o buraco negro na patologia limite: um contributo da/para técnica Rorschach*. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. 2008.

XIMENES, Sérgio. *Minidicionário Ediouro da língua portuguesa*. São Paulo: Ediouro, 2000.